

VALERIO MASSIMO MANFREDI

# IDOS DE MARÇO

Tradução de José J. C. Serra

## Capítulo I

*Romae, Nonis Martii, hora prima*  
Roma, 7 de Março, seis da manhã

O dia amanheceu cinzento. Um véu de luz coava-se através de conjuntos de nuvens menos espessas, espalhadas pelo céu invernososo, plúmbeo. Os ruídos também se difundiam, entorpecidos e opacos, como o nublado que filtrava a luz. O vento soprava a intervalos, vindo da *Vicus Jugarius* como o ofegar de um fugitivo.

Na praça, vindo da ponta meridional do Fórum, surgiu um magistrado. Vinha sozinho, mas era identificado pelas insígnias, e caminhava com passo estugado na direcção do Templo de Saturno. Abrandou em frente à estátua de Lúcio Júnio Bruto, o herói que derrubara a monarquia quase cinco séculos antes. Aos pés da grande figura, sisuda, de bronze, sobre o pedestal que exibia o epítáfio, alguém escrevera a vermelho: «Bruto, dormes?»

O magistrado abanou a cabeça e seguiu caminho, compondo a toga que lhe deslizava pelos ombros magros a cada rajada de vento. Subiu apressado a escadaria do templo, passando ao lado do altar ainda fumegante, e desapareceu na penumbra da arcada.

No andar superior da casa das vestais abriu-se uma janela. As virgens guardiãs do fogo acordavam para o seu dever. Outras preparavam-se para repousar depois da vigília nocturna.

A vestal máxima, envolvida numa veste branca, saiu da arcada interna e dirigiu-se para a estátua de Vesta, dominadora no meio do claustro. A terra tremeu, a cabeça da deusa oscilou para a esquerda e para a direita. Um fragmento de adobe caiu da cornija para dentro da fonte com um som seco amplificado pelo silêncio. Ouviu-se um ruído distante enquanto a vestal levantava os olhos para o vento e para as nuvens.

O olhar dela encheu-se de perplexidade. Porque estremeceria a terra?

Na ilha Tiberina, no Quartel-General da Legião IX Hispânica, acampada extramuros sob o comando de Marco Emílio Lépido, cessava o último turno de guarda. Os soldados e o centurião prestaram honras à águia e regressaram, ordenados dois a dois, aos seus alojamentos. O Tibre corria impetuoso, lambendo, turvo e cheio, os ramos despídos dos amieiros que se debruçavam sobre o leito.

Um grito agudo e intermitente rasgou o silêncio lívido da alvorada. Um grito vindo da casa do Pontífice Máximo. As vestais ouviram-no em casa delas, que era quase contígua, e entraram em pânico. Já acontecera outras vezes, mas era cada vez pior.

O grito repetiu-se e a vestal máxima surgiu à soleira da porta. Dali conseguia vislumbrar os guarda-costas, dois celtas gigantescos, encostados ao umbral da porta dos aposentos régios, aparentemente impassíveis. Talvez já estivessem habituados, talvez soubessem do que se tratava. Aquela voz era dele? A voz do pontífice? Ressoava, agora, distorcida e gemente como a de um animal em agonia. Ouviram-se os passos agitados de um homem que acorria, trazendo nas mãos uma bolsa de couro, abrindo caminho por entre os dois celtas, imóveis como atlantes, e desaparecendo pelo vestíbulo do antigo edifício.

O trovão ribombou ao longe, do lado da serra, e uma rajada de vento mais intenso vergou as copas dos freixos no Quirinal. Três toques de trombeta anunciaram o dia. A vestal máxima entrou no santuário e recolheu-se em oração junto da deusa.

O médico foi recebido por Calpúrnia. A mulher do Pontífice Máximo estava angustiada.

– Antístio, finalmente! Vem, depressa. Desta vez não conseguimos acalmá-lo. Cílio está com ele.

Antístio seguiu-a e, entretanto, vasculhava na bolsa, tirando uma espátula de madeira revestida de couro. Entrou nos aposentos.

Numa cama desordenada, banhado em suor, de olhar perdido, a espumar da boca, agarrado pelos braços musculados de Cílio Salvidieno – o seu ajudante-de-campo –, estava deitado o Pontífice Máximo, Ditador Perpétuo, Caio Júlio César, acossado por convulsões.

Calpúrnia baixou os olhos para não ver aquele espectáculo e voltou-se para a parede.

Antístio subiu para a cama e introduziu à força a espátula de madeira na boca do paciente, até conseguir separar a mandíbula do maxilar superior.

– Mantém-no quieto – dizia. – Mantém-no quieto!

Tirou um frasco de vidro da bolsa e verteu-lhe na boca algumas gotas de um líquido escuro. Passado algum tempo, as convulsões foram-se atenuando, mas Cílio só largou César quando o médico lhe fez sinal de que podia deitá-lo de costas e tapá-lo com a manta de lã.

Calpúrnia aproximou-se. Enxugou-lhe o suor da testa e a baba da boca, depois molhou-lhe os lábios com um pano de linho. Por fim, interpelou Antístio:

– Mas o que se passa? O que é esta coisa terrível?

César jazia deitado num estado de completa exaustão. Estava de olhos fechados e respirava com dificuldade num torpor pesado.

– Os Gregos chamam-lhe «doença sacra», pois os Antigos diziam que era consequência da acção de espíritos, demónios ou divindades. Parece que Alexandre também padecia do mesmo mal, mas na realidade ninguém sabe de que doença se trata. Conhecem-se os sintomas e tentam limitar-se os danos. O maior perigo é

que quem sofre desta doença corte a própria língua com os dentes. Mas também já houve quem, ao invés, se tivesse sufocado com a língua. Dei-lhe o calmante habitual, que felizmente parece ser eficaz. Mas preocupa-me a frequência dos ataques, o último foi apenas há duas semanas.

– O que podemos fazer?

– Nada – respondeu Antístio, abanando a cabeça. – Não podemos fazer mais do que o que temos feito.

César abriu os olhos e olhou em redor. Por fim, dirigiu-se a Cílio e a Calpúrnia:

– Deixem-me a sós com ele – disse, apontando para o médico.

Cílio olhou para Antístio com uma expressão interrogativa.

– Podes ir – respondeu Antístio. – Não há perigo. De todos os modos, fica por perto. Nunca se sabe.

Cílio aceitou e saiu dos aposentos com Calpúrnia. Era o seu apoio e auxílio, e a sombra do seu comandante. Centurião da Legião X, veterano com vinte anos de serviço, cabelos grisalhos, olhos escuros, húmidos e vivos como os de uma criança, pescoço taurino, seguia-a como uma cria.

O médico encostou o ouvido ao peito do paciente para o auscultar: o coração recuperava o seu ritmo normal.

– As tuas condições estão a melhorar – disse.

– Não é isso que me preocupa – respondeu César. – Mas diz-me: o que aconteceria se eu tivesse um ataque destes em público? Se, por exemplo, estivesse a discursar na tribuna ou no Senado e caísse no chão a babar-me?

Antístio baixou a cabeça.

– Não tens resposta para me dar, não é verdade?

– Não, César. Mas compreendo-te. O facto é que estas crises não se fazem anunciar. E isso é tudo o que eu sei.

– Dependem, portanto, do capricho dos deuses.

– Tu acreditas nos deuses?

– Sou o Pontífice Máximo. O que deveria responder-te?

– A verdade. Sou o teu médico, se queres que te ajude, também tenho de compreender a tua mente, para além do teu corpo.

– Acredito que estamos envolvidos pelo mistério. No mistério existe espaço para tudo, para os deuses também.

– Hipócrates disse que esta doença há-de continuar a chamar-se doença sacra enquanto não se lhe descobrirem as causas.

– Hipócrates tinha razão, mas infelizmente a doença continua a ser «sacra» ainda hoje e há-de sê-lo, receio bem, durante muito mais tempo. Contudo, não posso permitir-me dar espectáculo público das minhas debilidades. Percebes isso?

– Percebo. Todavia, a única pessoa que pode dar-se conta da chegada de um ataque és tu. Diz-se que a doença sacra não se faz anunciar, mas cada homem é diferente. Quando se passa contigo, sentes sinais premonitórios?

César respirou fundo e ficou em silêncio durante algum tempo, esforçando-se por recordar.

– Talvez. Mas não se trata de sinais evidentes ou de características sempre iguais. Por vezes, vejo imagens de outros tempos, imagens inesperadas... semelhantes a relâmpagos.

– Que género de imagens?

– Chacinas, campos pejados de mortos, nuvens que galopam, como fúrias infernais...

– Podem ser simples recordações. Ou pesadelos. Todos os temos. E tu mais do que ninguém. Ninguém viveu uma vida como a tua.

– Não, não são pesadelos: quando digo «imagens» quero dizer que vejo coisas como agora te vejo a ti.

– E estas... visões são sempre seguidas por novos episódios da doença?

– Umás vezes, sim, outras, não. Não posso afirmar que estejam relacionadas com a doença. É uma inimiga traiçoeira, Antístio, uma inimiga sem rosto, que ataca, golpeia e desaparece como um espectro. Sou o homem mais poderoso do mundo e perante esta doença sinto-me indefeso como o último dos desgraçados.

Antístio suspirou.

– Se fosses outra pessoa qualquer aconselharia...

– O quê?

– ... que te retirasses da vida pública. Que deixasses a cidade, os cargos, a luta política. Houve quem o fizesse antes de ti: Cipião,

*o Africano*, Sula. Talvez a doença diminuísse de intensidade se abrandasses a tua luta diária. Mas não creio que sigas o meu conselho. Diz-me, segui-lo-ias?

César ergueu-se e sentou-se na cama. Apoiou os pés no chão e levantou-se.

– Não. Não me posso permitir a isso. Ainda tenho muito para fazer. Tenho de correr o risco.

– Nesse caso, rodeia-te sempre de homens fiéis. Faz com que, se voltar a acontecer, alguém te tape com a toga e que haja sempre uma liteira fechada preparada para te receber e te levar para onde ninguém te veja e onde eu esteja à tua espera. Quando a crise passar, regressas aonde estavas como se nada se tivesse passado. É tudo o que te posso dizer.

César concordou.

– É um conselho sábio. Agora, podes ir, Antístio. Já me sinto melhor.

– Preferia ficar.

– Não. Deves ter mais que fazer. Manda-me Cílio com o pequeno-almoço. Vou comer alguma coisa.

Antístio baixou a cabeça numa reverência.

– Como preferires. Cílio vai trazer-te a poção que vou preparar. Favorece a diluição dos humores do baço e costuma fazer-te bem. Agora deita-te e tenta relaxar. Quando te sentires melhor, toma um banho quente e pede que te dêem uma massagem.

César não respondeu.

Antístio encontrou Calpúrnia no átrio, sentada numa cadeira de braços. Estava de camisa de dormir, ainda não tomara banho nem comera nada. Podia ler-se no seu rosto e no corpo os sinais do cansaço. Quando viu Antístio dirigir-se para a cozinha foi atrás dele.

– Então? – perguntou. – Que me dizes?

– Nada de novo, infelizmente, mas tenho a impressão de que a doença tem vindo a piorar. Apenas podemos tentar reduzir-lhe os efeitos e esperar que desapareça tal como apareceu, admitindo que isso seja possível. César é um homem de grandes recursos.

– Nenhum homem pode atravessar semelhantes tempestades do corpo e do espírito sem ficar com danos permanentes. Os últimos

dez anos equivaleram a dez vidas e esgotaram-no. César tem cinquenta e seis anos, Antístio, e tenciona dar início a outra expedição ao Oriente. Contra os Partos.

Enquanto o médico esmagava sementes num almofariz e as punha a cozer ao lume, Calpúrnia sentou-se. Uma escrava preparou-lhe um ovo assado na brasa e pão torrado, o seu pequeno-almoço habitual.

– E aquela mulher ainda piora mais a situação.

Com as palavras «aquela mulher», Calpúrnia referia-se a Cleópatra VII, rainha do Egipto, que estava hospedada na *villa* de César na outra margem do Tibre. Antístio não abriu a boca, sabendo já como ia acabar a conversa se a encorajasse. Cleópatra trouxera com ela a criança a quem ousara dar o nome Ptolomeu César.

– Aquela rameira... – prosseguiu Calpúrnia, insistindo. – Espero bem que morra. Lancei-lhe um mau-olhado, mas sabe-se lá com que antídotos se protege e que sortilégios deu de beber ao meu marido para o manter ligado a ela.

Antístio não conseguiu ficar em silêncio.

– Minha senhora, todo o homem de meia-idade sente o desejo de um filho concebido com uma mulher bela e na flor da idade. Fá-lo sentir-se jovem e vigoroso... – calou-se e mordeu os lábios. Não era a frase mais feliz para se dizer a uma mulher que não podia ter filhos.

»Perdoa-me – apressou-se Antístio a acrescentar. – São coisas em que não me devo meter. E, de resto, César não precisa de se imaginar vigoroso. É-o de facto. Na minha vida nunca vi homem da sua têmpera.

– Tudo bem, já estou habituada – respondeu Calpúrnia. – O que me preocupa é o peso enorme que traz aos ombros. Não conseguirá aguentá-lo muito mais tempo e tenho a certeza de que muitos esperam vê-lo de joelhos. Muitos dos que hoje lhe mostram uma cara amigável transformam-se-ão em feras ferozes. Não confio em ninguém, compreendes? Em ninguém.

– Sim, minha senhora, compreendo – respondeu o médico. Tirou a poção do lume, coou-a, deitou-a numa taça, que apoiou numa bandeja sobre a qual o cozinheiro depunha o pequeno-almoço de



César: favas, queijo e fogaça com azeite. Cílio entrou nesse momento e só pegou na poção.

– Então, não come? – perguntou Calpúrnia.

– Não. Fui ter com ele e mudou de ideias. Já não tem vontade de comer. Subiu ao terraço.

– A tua poção, César.

Estava de costas para ele. Apoiado com as mãos à balaustrada, olhava para o monte Aventino de onde se erguia, semelhante a uma nuvem escura, um voo de estorninhos em direcção ao Tibre.

Voltou-se lentamente, como se só naquele momento se tivesse dado conta da presença de Cílio. Pegou na poção fumegante e pô-la em cima do parapeito. Passados alguns instantes, levou a taça à boca e bebeu alguns goles.

– Onde está Públio Céstio? – perguntou, depois de ter bebido.

– O centurião Públio Céstio está em Modena, conforme as tuas ordens, César.

– Bem sei, mas segundo os meus cálculos já deveria estar de regresso. Mandou alguma mensagem?

– Que eu saiba, não.

– Se chegar algum despacho dele, avisa-me de imediato, independentemente da hora e do que eu estiver a fazer.

– Esperam-te daqui a pouco no Templo de Júpiter Ótimo Máximo para um sacrifício. Se te sentires capaz, claro.

César bebeu outro gole da poção e olhou para ele:

– Claro. Por vezes esqueço-me de que sou o Sumo Sacerdote de Roma, quando esse deveria ser o primeiro dos meus pensamentos. Isso significa que não há banho nem massagem.

– Só depende de ti, César – respondeu Cílio.

– Não te esqueças: deves acordar-me se estiver a dormir.

– De que falas?

– Se chegar um despacho de Céstio.

– Fica tranquilo.

– Deveria ser o primeiro dos meus pensamentos... – repetiu para si mesmo. Cílio olhava para ele, perplexo, tentando acompanhar a sua divagação. – ... Quero dizer, o meu sacerdócio. E, no

entanto, nunca achei que os deuses se preocupassem connosco. Porque deveriam fazê-lo?

– É a primeira vez que te ouço falar sobre estas coisas. O que te passa pela cabeça, comandante?

– Sabes porque é que todos os dias imolamos vítimas sobre os altares? Para que os deuses vejam o fumo a subir das nossas cidades e evitem pisá-las quando caminham invisíveis sobre a Terra. É assim, caso contrário, esmagar-nos-iam como nós esmagamos as formigas.

– Parece-me uma comparação interessante – respondeu Cílio.  
– Antístio disse que devias beber toda a poção – concluiu, apontando para a taça.

César pegou novamente na taça e esvaziou-a em poucos goles.

– E acredita que nenhum fumo é tão negro como o da carne queimada. Sei do que falo.

Cílio também sabia. E podia imaginar os pensamentos do seu comandante. Estivera ao lado dele em Farsália, em Alexandria, em África, em Espanha. Desde que César atravessara o Rubicão, durante anos vira arder não os corpos de inimigos selvagens mas de cidadãos como ele, os corpos de cidadãos romanos. Gravara na memória a visão do campo de Farsália atapetado pelos cadáveres de quinze mil concidadãos entre os quais cavaleiros, senadores e ex-magistrados. No seu cavalo, percorrera com um olhar de ave de rapina o campo da matança e dissera: «Foram eles que assim quiseram», mas em voz baixa, como se falasse apenas para si, para tirar um peso da consciência.

Foi a vez de César despertar Cílio dos seus pensamentos:

– Vamos, estão à nossa espera e ainda tenho de me preparar.

Desceram juntos e Cílio ajudou-o a lavar-se e a vestir-se.

– Chamo a liteira? – perguntou-lhe.

– Não. Vamos a pé, um passeio só me pode fazer bem.

– Nesse caso, chamo os guarda-costas.

– Não é preciso. Aliás, estou a pensar que talvez seja melhor livrar-me deles.

– Dos guarda-costas? E por que razão?

– Não me agrada a ideia de andar pela minha cidade com guarda-costas atrás. Os tiranos é que fazem isso.

Cílio olhou para ele, estupefacto, mas não disse nada. Atribuía aquele estranho comportamento à doença. Talvez estivesse a influenciar-lhe os pensamentos.

– Além disso... – continuou César –, os senadores aprovaram um senátus-consulto no qual se comprometem a proteger-me com o próprio corpo em caso de ameaça à minha pessoa. Que melhor defesa poderia querer?

Cílio estremeceu. Não podia acreditar no que ouvia e começou a pensar num modo de impedir uma decisão que lhe parecia imprudente. Retirou-se com uma desculpa, desceu ao andar inferior e ordenou a alguns escravos que pegassem numa liteira e seguissem César a uma certa distância.

Encaminharam-se pela Via Sacra, passando em frente ao Templo de Vesta e à basílica que César mandara edificar com os despojos da campanha contra os Gálios. Ainda não estava concluída, apesar de a sua construção ter sido iniciada dois anos antes, como se a urgência o pressionasse.

Era uma construção magnífica, com três grandes naves e revestida de mármore preciosos; fora uma das suas oferendas à cidade, mas não seria a última. Desde que regressara de Alexandria, a visão de Roma já não o satisfazia. Era uma cidade que crescera de maneira aleatória e desarmónica, onde os edifícios haviam sido construídos colados uns aos outros numa amálgama, amiúde, indecorosa. Faltavam as ruas imponentes, as praças majestosas e os monumentos extraordinários, que em Alexandria despertavam a admiração dos visitantes de todas as partes do mundo.

O Fórum à direita deles começava a encher-se de gente, mas ninguém reparava em César, pois trazia a toga a cobrir-lhe a cabeça e não era fácil distinguir-lhe o rosto. Passaram em frente ao Templo de Saturno, o deus que reinara durante a idade de ouro, quando os homens viviam contentes com o que a terra e os rebanhos lhes ofereciam, moravam em cabanas de madeira e ramos, acordavam com o canto dos pássaros e iam dormir após uma refeição

frugal em redor de uma mesa modesta partilhada com os filhos e a esposa.

Cílio surpreendeu-se a si mesmo a pensar na época em que lhe calhara viver: uma época de ferocidade e avidez, de conflitos incessantes, de lutas internas, chacinas de romanos levadas a cabo por outros romanos, listas de proscricções, exílios e sentenças; uma época violenta carregada de guerras e traições. O ódio entre irmãos é o conflito mais duro e implacável, pensava; e enquanto observava o rosto de César retalhado pela sombra da toga, questionava-se se aquele homem poderia ser o fundador de uma nova era. Uma era em que, esgotada a ferocidade de lutas intermináveis, se abrisse um período de paz que fizesse esquecer o sangue derramado e os rancores mais tenazes. Depois, levantou os olhos para o templo imponente que dominava a cidade do alto do monte Capitolino.

O céu estava escuro.